

A carrinha nº18

Quando me convidaram a participar neste encontro, confesso que fiquei hesitante. A importância do evento e o peso do regresso a esta casa, que durante vinte anos foi minha, aumentaram os meus receios.

Na verdade, não sou especialista na vida e obra de Branquinho da Fonseca. Também não sou escritor ou intelectual, nem tão pouco tenho a capacidade oratória dos restantes intervenientes.

É possível que num ou outro momento da minha intervenção até vos possa chocar, mas eu sou unicamente uma pequena peça dessa extraordinária engrenagem criada por Branquinho da Fonseca, a rede de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian.

Enfim, sou apenas um simples bibliotecário itinerante.

- Talvez por isso o meu gabinete não tenha sede numa qualquer capital, cidade ou vila. Desloca-se pelos locais mais recônditos das encostas da serra da Lousã, em estradas estreitas e sinuosas.

- A porta do meu gabinete não dá para um corredor alcatifado ou de parquet, dá para a rua, para o mundo real. E da janela do meu gabinete também não vejo néones publicitários, lojas chiques ou livrarias. Vejo serras queimadas e campos ao abandono, ruas calcetadas ou enlameadas e uma ou outra mercearia ou tasca com morte anunciada.

- No meu gabinete já entrou muita gente descalça e agora ainda entram muitos de calçado roto e malvestidos, mas todos procuram livros para evoluir e, quem sabe, mudar de vida ou pelo menos, imaginar vidas melhores.

- No meu gabinete às vezes faz um frio de rachar, outras um calor insuportável, mas as minhas visitas nunca falham e são uma espécie de ar condicionado, capazes de tornar o ambiente sempre acolhedor.

O meu gabinete é a **carrinha nº18**. A primeira vez que lá entrei foi aos seis anos. Até aí estava habituado a ouvir a minha mãe contar as incríveis histórias dos livros levados pelo meu pai para casa.

Mas quando entrei para a escola tudo mudou e, tal como os outros miúdos e graúdos, comecei a ir à carrinha. Era uma tarde de brincadeira, de sociabilização e de escolha de livros. Para nós, os mais pequenos, aquela carrinha era enorme e mágica. Permitia-nos o livre acesso ao mundo das histórias e aventuras, por vezes com a orientação dos funcionários, sempre atentos à nossa evolução, desafiando-nos a novas escolhas.

Com esse apoio, à semelhança dos outros miúdos, fui trepando prateleiras, cheguei aos contos, romances e novelas dos autores portugueses e estrangeiros; depois à poesia, História e Biografias; até atingir os livros de Filosofia, Política e tantos outros.

E assim foi para mim e para muitas crianças, jovens e adultos, ano após ano. Até que, com apenas 20 anos, substitui um dos funcionários. O que seria algo de temporário, acabou por se tornar o início de uma longa carreira.

Sem me aperceber eu que era conhecido como o filho do Homem dos Livros, iria transformar-me ao longo dos anos seguintes num Homem dos Livros.

Confesso que no início as coisas foram complicadas. Por um lado, e apesar de conhecer desde miúdo os cantos à carrinha, esse conhecimento era no papel de leitor. E se uma coisa é estar do lado de fora do balcão, outra bem diferente, é estar do lado de dentro.

Os leitores mais velhos, habituados aos funcionários experientes com quem tinham excelente relação, desconfiavam naturalmente daquele garoto sem barba na cara; já os mais novos tentavam fazer do interior da carrinha o prolongamento do recreio.

Foi um enorme desafio gerir as relações e estabelecer a confiança de uns e o respeito de outros. Para a minha adaptação foi fundamental a ajuda dos colegas das outras Bibliotecas Itinerantes e dos inspectores, que sempre me apoiaram sem reservas.

Por outro lado, eu era um jovem universitário, nascido e criado numa pequena vila próxima de Coimbra, e embora conhecesse amigos com dificuldades económicas, acreditava serem casos pontuais, que os valores da revolução de Abril rapidamente eliminariam.

Este jovem idealista estava enganado e levou com um tremendo banho de realidade, quando começou a percorrer as aldeias dos vários concelhos que a Biblioteca Itinerante visitava.

Só então percebeu o que era o isolamento, a dureza da vida dos velhos, ou a falta de futuro digno para os jovens da sua idade, aos quais não tinha sido dada oportunidade de estudar.

Entendeu ainda que às vidas árduas das mulheres presas ao luto desde novas e mirradas pelas lides da casa e do campo, juntavam-se os homens cansados do trabalho pesado, afogando as mágoas na bebida.

Era com estas comunidades que eu tinha de trabalhar e o impacto foi brutal. Mexeu comigo, tal como mexeram as palavras sábias do inspector José Barbosa ao avisar-me que: **“para ser bibliotecário itinerante era necessário ter espírito de missão”**. Quando as ouvi, confesso que não evitei aquele sorriso interior, próprio da juventude, achando isso de missionário, algo que francamente não combinava com as minhas calças de ganga, sapatilhas de marca e colar ao pescoço.

No entanto, à medida que os anos passavam a minha aproximação, conhecimento e ligação à comunidade que servia, foram-se cimentando.

Tal como a **carrinha nº18**, tornei-me parte dela, acompanhei os seus anseios e lutas, vibrei com as vitórias e senti a dor das derrotas.

E ao longo destas mais de quatro décadas em que o mundo e o país tanto mudaram, procurei dotar em cada momento a Biblioteca Itinerante, com as respostas adequadas às novas e diferentes solicitações dos leitores. E garanto-vos que este difícil papel do bibliotecário itinerante, exige um compromisso diário, assente na humildade e no diálogo franco, tendo sempre como pano de fundo o livro.

Talvez por isso, fique estupefacto quando vejo alguns dos actuais responsáveis pela leitura no nosso país, a partir dos seus confortáveis gabinetes, tentarem vender a ideia de Bibliotecas Itinerantes multifunções, medindo tensão arterial, avaliando a diabetes, fazendo todo o tipo de registos e até serviço de multibanco.

Foi talvez imbuído deste espírito que recentemente, um autarca veio anunciar a criação de um Bibliomóvel afirmando: **“não terá bibliotecário, mas apenas um técnico a acompanhar. Julgo que não temos necessidade de ter um bibliotecário”**.

Inaugura-se assim uma nova fase, a das Bibliotecas Itinerantes sem bibliotecários. E já agora porque não, sem livros?

Assumindo esta lógica inovadora, eu até sou levado a crer que algumas autarquias funcionariam bem melhor sem autarcas, sendo entregues apenas a um munícipe ancião. Pensem só no dinheiro que se pouparia...

E como é no poupar que vai o ganho, faria todo o sentido deixar de gastar recursos económicos criando Bibliotecas Itinerantes em ano de eleições, para as fechar pouco tempo depois, ou em projectos sazonais sem continuidade. Estes serviços não podem nascer como cogumelos assentes em ideias peregrinas, para satisfação de

interesses ou vaidades politico-pessoais, morrendo pouco depois por falta de verbas ou por deixarem de ser moda.

As Bibliotecas Itinerantes são importantes equipamentos culturais. A sua criação deve ser ponderada, por isso exige planeamento, conhecimento profundo do território, escolha de um fundo bibliográfico apropriado e sobretudo capacidade de interagir com as comunidades que vão servir.

O seu relevante papel não se circunscreve à capacidade que teve na resposta aos desafios do passado. Essa experiência faz delas importantes Lugares de Futuro, prontas a responder aos desafios de sempre e aos que, entretanto, vão surgindo.

Não podemos ignorar ou mascarar a realidade:

- Infelizmente continuamos a ser um dos países da Europa com os piores índices de leitura e o analfabetismo, embora envergonhado, ainda se passeia por aí. Como se não bastasse, o livro teima em não chegar às pessoas, até devido ao seu preço continuar a ser proibitivo para a maioria da população.

- E apesar da rede viária não ter comparação com a do século passado, o isolamento ganhou outros contornos. Nas vilas e aldeias onde tudo encerrou, ficaram apenas os velhos e as comunidades estrangeiras que crescem a cada dia.

- Esta situação torna urgente a preservação da nossa cultura, através da recolha de histórias e lendas, rezas e ladainhas, cantares, receitas, artesanato, usos e costumes.

- Obriga-nos também a investir na integração das comunidades que nos chegam, aceitando a sua diversidade e, ao mesmo tempo, divulgando a nossa cultura e valores junto delas, impedindo assim a propagação de opiniões racistas e xenófobas.

- Outra tarefa prioritária é ir ao encontro de grupos específicos, quase sempre marginalizados, como os deficientes, os sem-abrigo

ou os reclusos e trabalhar com eles de modo regular, ajudando à sua plena inclusão na sociedade.

- Desta forma, estamos a implementar uma educação de qualidade, reduzindo as desigualdades e promovendo a sustentabilidade, em consonância com os tão falados, Objectivos Desenvolvimento Sustentado (ODS's) da Agenda 20-30 das Nações Unidas.

- Mais do que nunca, num mundo desumanizado, perigoso e egoísta, nestes tempos de correria tecnológica e fascínio pela Inteligência Artificial, é importante fazer o contraponto.

São fundamentais as **Bibliotecas Humanas**, capazes de criarem laços com os leitores, respondendo às suas necessidades, através da criação de hábitos de leitura. E esta continua a ser a praia das Bibliotecas Itinerantes, como foi na segunda metade do século passado, num contexto bem mais difícil, para as Bibliotecas da Gulbenkian.

A esta distância percebe-se melhor a notável obra de Branquinho da Fonseca, ao criar a única rede de Bibliotecas Itinerantes que o nosso país conheceu até hoje, tendo a Fundação Calouste Gulbenkian conseguido em pleno regime fascista, o extraordinário feito de democratizar o acesso ao livro e à leitura.

Tive a honra de fazer parte dessa rede e ter aprendido com os melhores, os primeiros Homens dos Livros ou Homens-Livro, mas sobretudo Homens Livres, corajosos, que calcorrearam estradas velhas e caminhos de terra batida, enfrentando desconfianças e ambientes hostis, mas não desistiram de levar o livro e promover a leitura num país cinzento e sem esperança. E isso fez toda a diferença na percepção da existência de outras realidades pelas quais era legítimo sonhar e lutar.

Como comecei por dizer sou apenas uma pequena peça dessa extraordinária engrenagem, e nem sequer sou uma peça original, mas sim de segunda geração.

"Herdei" do meu pai e do saudoso Professor Seixas a **carrinha nº 18** e ao longo de 44 anos:

- Percorri com ela cerca de 750 mil quilómetros
- Atendi meio milhão de leitores
- Que requisitaram perto de 1 milhão e meio de livros
- Realizei centenas de actividades de promoção do livro e da leitura
- Conheci histórias de vida absolutamente incríveis
- E criei muitas amizades para a vida

A história da **carrinha nº18** tem a marca dos leitores, das suas alegrias e tristezas, medos e sonhos. Muitas vezes continua a ser o único elo que os retira da solidão, onde podem alargar horizontes e se sentem à vontade para falar.

De repente lembro aquela rapariga da serra da Lousã, que pediu para pararmos na sua aldeia e durante anos leu de tudo. Um dia devolveu os livros e surpreendentemente não quis levar mais. Tinha casado e o marido proibiu-a de ler.

Ainda na mesma serra, recordo a mulher que trazia os livros escondidos na taleiga do pão, para as vizinhas não lhe chamarem doida por vir à biblioteca. Uma vez pediu-me um livro, mas de forma tão enigmática, que só após algum tempo percebi ser sobre educação sexual. De rosto corado confessou que precisava de melhorar a relação com o marido.

E como esquecer o jovem que queria um romance diferente, e eu assumindo o risco, sugeri um de Guilherme de Melo. Alguns anos mais tarde, veio ao meu encontro em Coimbra e agradeceu-me por a Biblioteca nunca o ter discriminado.

A memória leva-me ao encontro do garoto que vinha na companhia da mãe alcoólica. Suportou durante anos essa provação, mas nunca deixou de ler. Anos depois, ao servir-me à mesa num restaurante,

emocionei-me ao saber que tinha conseguido levar a mãe a deixar o vício, e tinha alugado um apartamento para os pais viverem com dignidade a sua velhice.

Da porta da carrinha vejo o cavador que de enxadas ao ombro se aproxima. Com apenas a quarta classe queria ler Platão. Não consegui disfarçar a surpresa e ele percebendo-a, sorriu e explicou que um dia o filho tinha esquecido um texto do filósofo em cima da mesa. Leu, gostou e queria conhecer mais sobre a sua obra.

E como não lembrar o garoto magro, de olhos tristes e com roupas já gastas pelo uso, que só queria ler, mas os amigos se apressaram a dizer que estragava tudo. Vi as lágrimas a quererem saltar e inscrevi-o. Leu durante anos e nunca estragou nenhum livro. Um dia seguiu a sua vida, mas acredito que nunca tenha esquecido a carrinha dos livros. Ela também não o esqueceu.

Nos dias mais calmos, relembro todos estes anos e chego até a ouvir ao longe, a voz daquele leitor com mais de noventa anos e tanto saber acumulado: “se eu morrer os livros não vão desaparecer”. E assim foi, um dia alguém trouxe os livros dizendo que o Sr. Moura tinha falecido. Enganou-se, ele viaja na **carrinha nº 18**.

Tal como viaja a Ti Carolina, a minha não leitora assídua. Analfabeta, a viver sozinha e doente. Com o marido no lar e um monte de filhos já criados que a esqueceram. Carregando uma vida de trabalho duro e sofrimentos vários, todos os meses vinha desabafar comigo e pedir para lhe falar das histórias dos meus livros.

Ou a Ti Lucinda que em Julho passado, com 90 anos e umas embirrentas cataratas, foi para o centro-de-dia e deixou a saca pendurada na porta com os livros e este papel: “Boa tarde. Venho agradecer a vossa amabilidade ao longo destes anos ao trazerem-me livros que tanto gostava de ler, mas devido à minha idade não

poderei continuar. Obrigada de coração. Bem hajam. Lucinda Rita Rodrigues”.

Virei o papel e respondi: “Olá Ti Lucinda! Eu é que agradeço a sua simpatia e consideração. Em princípio vou para a reforma no final do ano, por isso e já agora vai fazer-me companhia até lá. Assim vou deixar-lhe mais uns livrinhos e em Dezembro fazemos a minha festa de despedida. Beijo grande. Carlos”.

À noite telefonei-lhe para casa e ratificámos o acordo.

É esta a essência das bibliotecas itinerantes, a ligação aos leitores e o seu envolvimento com a comunidade.

E mesmo que os novos inteligentes digam que se acabaram os livros, eles estão enganados. Na realidade qualquer concepção de biblioteca itinerante só o é, se a sua função assentar na promoção do livro e da leitura. E esta ideia foi colocada na prática, de forma exemplar, por Branquinho da Fonseca com a criação da rede de Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian.

O resto, como dizem os meus leitores mais velhos “é conversa fiada.”

E é a esses leitores e leitoras de todas as idades, que estou grato pelas lições de vida e demais ensinamentos que me transmitiram. Foram diferentes gerações que acompanharam o jovem idealista, moldaram a sua personalidade e, sem lhe roubarem a irreverência própria de quem cresce na estrada, ajudaram a fazer dele um homem; **Um Homem dos Livros**, que continuando a usar calças de ganga, sapatilhas de marca e o colar ao pescoço, hoje sorri abertamente ao lembrar o Dr. José Barbosa: **“para ser bibliotecário itinerante é necessário ter espírito de missão”**.

Não tenho dúvidas que foi este o espírito transmitido aos primeiros bibliotecários itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian pelo homem que **“dedicou a vida a fazer ler os outros”**, o multifacetado e genial Branquinho da Fonseca.

Carlos Marta - 21-Nov-2021

Lisboa - Fundação Calouste Gulbenkian (Evocar Branquinho da Fonseca - O homem e a obra)